

Desafios para a publicação de pesquisas sobre quadrinhos no Brasil¹



Prof. Dr. Henrique
Magalhães
Universidade Federal da
Paraíba (UFPb)

Resumo: A História em Quadrinhos no Brasil alcançou um nível de respeitabilidade inimaginável há poucas décadas, quando ainda eram estigmatizadas como perniciosas à juventude e consideradas uma sub-literatura. Atualmente faz parte de bibliotecas e participam como recurso didático em vários níveis de ensino. Na Graduação e na Pós-Graduação, muitos são as pesquisas desenvolvidas em universidades de todo o país, investigando sua linguagem, narrativa e interseções com diversos domínios do conhecimento. Contudo, há ainda a falta de uma política editorial em nível institucional e mercadológico que responda ao interesse de professores, estudantes e outros interessados nessa expressão artística. Tendo por base uma pesquisa exploratória e sobre as obras sobre o tema editados no Brasil desde a década de 1960 e partindo de elementos empíricos coletados na experiência da editora Marca de Fantasia, o artigo aponta as perspectivas para a edição de obras sobre História em Quadrinhos com base na produção independente e na utilização das tecnologias da informática e da informação.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos; pesquisa científica; publicações acadêmicas.

Abstract: Comics in Brazil reached a level of respectability unimaginable a few decades ago, when they were stigmatized as harmful to youth and considered a sub-literature. Currently they are in libraries and are used as a teaching resource in various levels of education. Many researches made in graduate and postgraduate courses are developed at universities across the country, investigating its language, narrative and intersections with various fields of knowledge. However, there is still a lack of editorial policy in institutional and mercadological levels that responds to the interests of teachers, students and others interested in this artistic expression. Based on an exploratory research about the works on the subject published in Brazil since 1960 and building on empirical evidence collected in the experience of publishing Marca de Fantasia, the article points out the prospects for the publication of works on Comics based on independent production and use of computer technology and information.

Key words: Comics; scientific research; academic publications.

¹Conferência apresentada nas 2as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos, Universidade de São Paulo, 22 de agosto de 2013.

Fenômeno não apenas comercial, mas midiático e fonte para inúmeras pesquisas acadêmicas sobre sua linguagem, a História em Quadrinhos é considerada por muitos como a Nona Arte, ganhando, nas últimas décadas prestígio e reconhecimento. Um dos fóruns de maior destaque em nível nacional, com amplitude internacional, a promover a pesquisa sobre os quadrinhos é realizado na Universidade de São Paulo com o título de Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos, que em 2013 chega à segunda edição.

Muito já se discutiu nesses dias das Jornadas, demonstrando o grau de seriedade com que se vem desenvolvendo a pesquisa sobre os quadrinhos em Universidades de todo o país. Eu poderia ter desenvolvido também um artigo para apresentar neste evento, baseado nas metodologias científicas que se apoiam em referências bibliográficas, estatísticas, depoimentos e outras formas de construção de conhecimento. Contudo, apresento uma visão pessoal, apoiada em elementos empíricos e na razão sensível da vivência como produtor e consumidor do mercado editorial dirigido aos estudos sobre História em Quadrinhos.

Não poderia me negar a deixar fluir nesta comunicação um bom grau de emotividade, de outro modo estaria fadado a apresentar um pensamento limitado ao formalismo burocrático acadêmico, repleto de estatísticas que dariam um quadro talvez preciso do estado em que se encontra a edição setorial, mas destituído do

vigor apaixonado que engendra boa parte dessas produções. Por outro lado, minha presença nesse espaço simbólico da USP, num evento de tão larga envergadura, me traz ao mesmo tempo a responsabilidade que me foi atribuída e o prazer da volta à casa, que tanto contribuiu para minha formação acadêmica.

O primeiro contato que tive com professores da USP foi em 1984, com o professor Antonio Luiz Cagnin, da Escola de Comunicação e Artes. O professor Cagnin tinha realizado o Mestrado em Letras na USP e acabava de voltar da França, onde foi dar prosseguimento a seus estudos sobre História em Quadrinhos. Cordial, simpático e extremamente acessível, o professor Cagnin me acolheu como recém-graduado em Jornalismo com o desafio de orientar um projeto de Mestrado cujo tema inédito e até então "marginal" propunha um estudo exploratório sobre os fanzines no Brasil, com foco nas produções sobre História em Quadrinhos.

Meu Mestrado iniciou-se em 1985, mas logo foi preciso partilhar o tempo da Pós-Graduação com outras atividades acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão, pois em 1986 deu-se minha entrada como professor no Curso de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba. O Mestrado teve, então, que ser prolongado até 1990, entre idas e vindas entre São Paulo e a Paraíba, além de alguns trancamentos de períodos para cumprir as atividades na UFPB.

Um dos pontos de destaque na banca de defesa do Mestrado, formada por autoridades no nível de Álvaro de

Moya e Waldomiro Vergueiro, foi a excentricidade do tema escolhido para a pesquisa. Além da informalidade da banca, que se colocou com rigor, mas que transluzia um bom papo entre amigos, a dissertação sobre os fanzines – objeto ainda indefinido e praticamente desconhecido – era a surpresa que abria as portas da academia para esse tipo de produção alternativa.

A falta de registro sobre esse gênero editorial bem como sua definição foram alguns dos desafios a serem vencidos pela pesquisa. Teve-se que recorrer às próprias publicações, que têm na efemeridade e na dispersão algumas de suas características mais marcantes. O senso de oportunidade e o fato de estar no centro da maior produção de fanzines do país foram fundamentais para o estabelecimento dos contatos para a realização do trabalho, que contou com a exígua bibliografia sobre imprensa alternativa, mas com a boa vontade de parte considerável de editores de fanzines.

Dessa pesquisa resultou a dissertação *Os fanzines de histórias em quadrinhos: o espaço crítico dos quadrinhos brasileiros*, que gerou uma série de publicações: *Os fanzines de Histórias em Quadrinhos*, edição do autor, 1991; *O que é fanzine*, coleção Primeiros Passos, da editora Brasiliense, São Paulo, 1993; *O rebuliço apaixonante dos fanzines*, co-edição Marca de Fantasia/Editora Universitária UFPB, João Pessoa, 2003; e as demais pela Marca de Fantasia: 2ª edição, 2011; 3ª edição, 2013; *A nova onda dos fanzines*, 2004; *A mutação radical dos fanzines*, 2005.

HENRIQUE MAGALHÃES

A MUTAÇÃO RADICAL DOS FANZINES



Dessas tantas edições, houve o texto integral da dissertação, que saiu como edição do autor; para a Brasiliense foi feito um resumo, para ajustar-se à coleção; as outras edições são revisões, ampliações, complementos, estendendo a pesquisa sobre fanzines pelas décadas posteriores ao Mestrado e analisando o impacto das novas tecnologias da informática e da informação sobre esse tipo de publicação. Sem dúvida, uma aventura acadêmica que rendeu uma carreira: os fanzines passaram a fazer parte do conteúdo de minhas aulas de Editoração e me

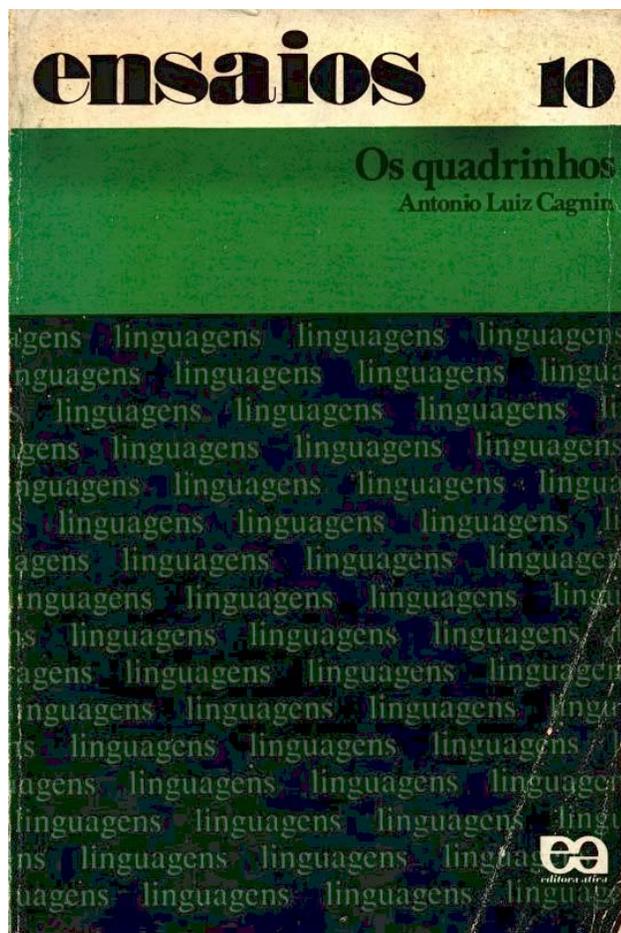
Capa do livro sobre Fanzines, publicado pela editora Marca de Fantasia. Capa do livro sobre Fanzines, publicado pela editora Marca de Fantasia

levaram ao Doutorado em Sociologia na Université Paris 7, em 1993.

Quadrinhos como sujeito

Desde cedo o texto acadêmico esteve presente na trajetória de minha formação. Antes mesmo de chegar à Universidade, a curiosidade e o desejo de conhecimento da linguagem dos quadrinhos levaram-me à leitura da obra seminal *Os Quadrinhos*, de Antonio Luiz Cagnin, lançada em 1975 na série *Ensaio* da Editora Ática, de São Paulo. O livro, complexo para um adolescente de 17 anos, que se aventurou nos labirintos textuais do mestre, resultou de sua dissertação de Mestrado em Letras na Universidade de São Paulo.

Um dos estudos pioneiros sobre a linguagem dos quadrinhos feitos no Brasil.



Na introdução dessa obra fundamental, o professor Cagnin (1975, p.17) propõe uma "análise do sistema narrativo quadrinizado, baseada nos estudos do sistema de signos linguísticos, com o objetivo de delimitar os elementos constitutivos da linguagem imagética, de determinar sua função quando assumida pelo sistema narrativo". Vejam a enrascada em que me meti ao procurar decifrar a complexidade do texto, mas de forma alguma a falta de embasamento me desestimulou a leitura. Cagnin foi a pedra basilar de minha formação acadêmica e o guia que me levou à Pós-Graduação.

Se hoje ainda nos ressentimos da falta de obras que analisem a História em Quadrinhos como domínio artístico e expressão midiática, na década de 1970 esse tipo de publicação era algo raro, sendo os quadrinhos vistos como uma subliteratura, uma expressão vulgar da Indústria Cultural, para a qual se dirigia um preconceito acadêmico generalizado e a desconfiança dos meios intelectuais. O livro de Cagnin, portanto, foi um farol que fomentou a linguagem dos quadrinhos em seu sistema de signos e seu processo narrativo.

Apesar de o Brasil ter sido pioneiro nos estudos dos quadrinhos, como realça Cagnin (1975, p.15), com o advento da Primeira Exposição Internacional de Histórias em Quadrinhos em 18 de junho de 1951, proclamada por Álvaro de Moya em seu livro *Shazam!*, poucos se lhes dedicaram atenção, como o fez o jornalista Sergio Augusto, que desde 1967 publicou uma coluna semanal sobre o tema no Jornal

do Brasil. Da escassa bibliografia na época sobre os quadrinhos, citemos os autores que se propuseram a estudá-los, a exemplo de Moya, com o citado Shazam!, em 1970, pela editora Perspectiva, de São Paulo e Moacy Cirne, com A explosão criativa dos quadrinhos, em 1970, pela editora Vozes, de Petrópolis, Rio de Janeiro. Moya e Cirne dedicariam sua carreira a compor uma vasta obra de estudos sobre os quadrinhos, que chegaria aos dias atuais.

Moacy Cirne foi o editor da celebrada Revista de Cultura Vozes, no início da década de 1970, em que introduziu frequentemente artigos sobre os quadrinhos, chegando a lhes dedicar edições temáticas. Em 1971 saiu pela Vozes, de sua autoria, A linguagem dos quadrinhos; em 1982, pela Achiamé, Rio de Janeiro, lançou Uma introdução política aos quadrinhos; em 1990 lançou pela Europa/Funarte, Rio de Janeiro, História e crítica dos quadrinhos brasileiros; em 2000, pela Vozes, saiu Quadrinhos, sedução e paixão; em 2005, pelo Sebo Vermelho, de Natal, publicou A escrita dos quadrinhos.

A obra de Moya desfruta também de grande projeção. Sendo um dos organizadores da Primeira Exposição Internacional de Histórias em Quadrinhos, é também um dos pesquisadores fundamentais na área, tendo lançado algumas obras referenciais. Além do clássico Shazam!, publicou, entre outros, História da História em Quadrinhos, em 1986, pela L&PM de Porto Alegre, além de ter traduzido a polêmica obra Para ler o Pato Donald, do chileno

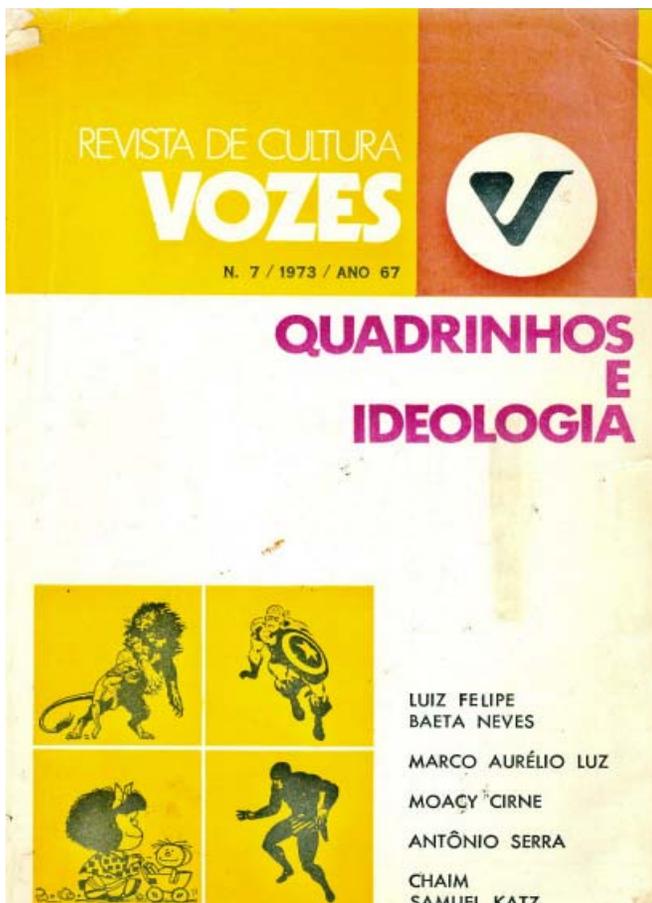


Ariel Dorfman e do belga Armand Mattelart, Paz e Terra, 1971.

A professora Sonia Luyten também daria grande contribuição aos estudos da área com o lançamento dos livros O que é História em Quadrinhos, pela editora Brasiliense, em (); e História em Quadrinhos: leitura crítica, pelas Edições Paulinas, em ()

Em 2006 o jornalista Gonçalo Junior quebra um lugar-

Capa do livro de Moacy Cirne lançado em 1970.



Edição da Revista de Cultura Vozes, de 1973, dedicada aos quadrinhos.

comum que se perpetuava entre os pesquisadores. Pela Opera Graphica publica um substancial volume de 352 páginas comprovando que o país tem, sim, uma boa referência bibliográfica sobre quadrinhos. Com o título Biblioteca dos Quadrinhos, Gonçalo faz um inventário de praticamente tudo o que se publicou a respeito dessa arte e afins, dividindo seu trabalho em nove capítulos, a exemplo de "Livros sobre quadrinhos", "Livros que falam sobre quadrinhos", "Livros sobre cartuns, caricaturas e animação", "Catálogos de exposições sobre quadrinhos", "Álbuns com ensaios sobre quadrinhos" e até revistas especializadas, fanzines e sites na internet sobre quadrinhos.

O trabalho de Gonçalo traz um demonstrativo do quanto já se

publicou sobre quadrinhos no país, não se restringindo à produção livresca, mas a qualquer mídia que tratasse o tema com relevância. Nessa garimpagem encontramos as primeiras publicações analíticas, uma contra, outra a favor, lançadas em 1965: o opúsculo História em quadrinhos e seus malefícios, da Tipografia Minerva, de Fortaleza, e o fanzine Ficção, de Edson Rontani, lançado em Piracicaba, São Paulo. Esse dado demonstra a importância que tiveram os fanzines para a formação de um público consciencioso e seletivo para os quadrinhos, que por intermédio deles viriam adquirir, em nível internacional, o status de arte.

Com uma obra consolidada desde a década de 1970, Moacy Cirne e Álvaro de Moya se tomaram as grandes referências dos estudos dos quadrinhos no país, sendo autores incontornáveis à maioria das pesquisas sobre a arte. Por um bom tempo seguiram quase que isoladamente o rumo do estudo sobre os quadrinhos, quando estes ainda eram mal vistos pela sociedade e menosprezados pela academia. Isso mudaria substancialmente na década de 1980, de certo modo impulsionado pela explosão da produção de fanzines e pela mudança gradual do conceito atribuído aos quadrinhos.

O denso trabalho apresentado por Gonçalo tem o mérito de registrar em detalhes o mais preciso que possível os dados objetivos de cada obra, como autoria, editora, ano, número de páginas, local de publicação, além de trazer resenha sobre as publicações. Não é pouco e poucos se arriscariam a um empreendimento de porte tão

grandioso. Pequenas lacunas certamente existem, visto que algumas obras de caráter regional não lhe permitiram o acesso, mas esse detalhe não tira o valor dessa obra única e imprescindível para a pesquisa sobre quadrinhos no país.

Algo que chama atenção no livro de Gonçalo é a efemeridade da maioria das obras, que se encontram datadas e, por isso esgotadas e fora de catálogo. Só uma pequena parte das principais obras de algumas décadas atrás está disponível e pode ser utilizada como referência direta, sobretudo aquelas de caráter temporal, como os fanzines e os catálogos de exposições. Contudo, percebe-se que o maior volume de títulos veio à luz da década de 1990 aos dias atuais, o que indica uma virada na importância atribuída aos quadrinhos.

Não há dúvida que o impacto dos fanzines e a disseminação do conceito de graphic novel aos quadrinhos contribuíram para isso. Um público adulto e crítico passou a ver os quadrinhos como uma leitura equiparada à literatura em nível de contribuição para a reflexão sobre o cotidiano e para as criações ficcionais bem mais elaboradas. Houve sensível amadurecimento nas artes gráficas, no desenvolvimento dos roteiros, no trato com a linguagem narrativa dos quadrinhos desde a década de 1980, acompanhados pelo aprimoramento editorial das publicações. Esse movimento valorativo não restaria despercebido à academia, que passou a lhe dedicar um olhar mais atento.

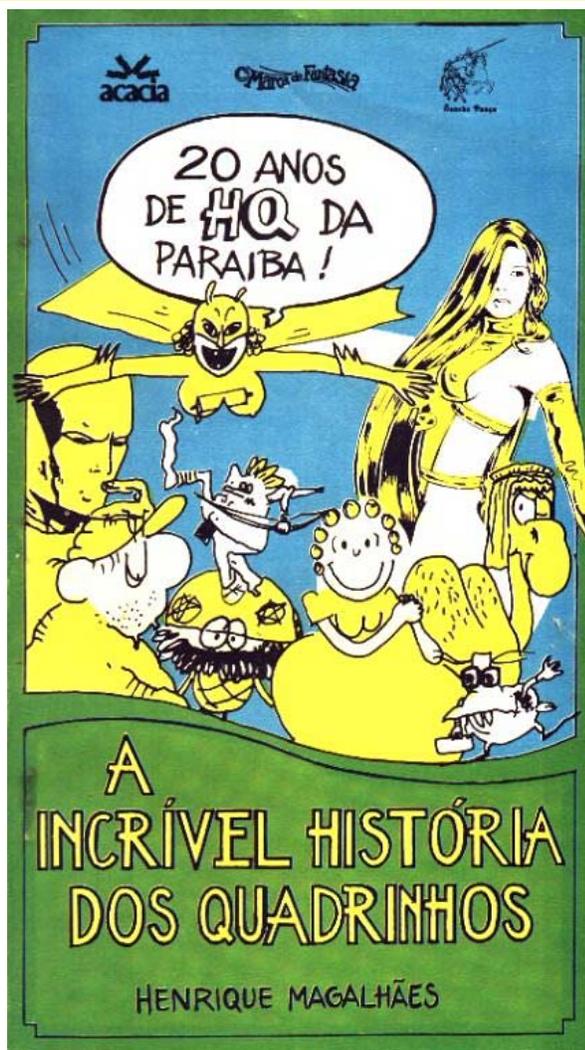
Quadrinhos na academia

Apesar do preconceito dirigido aos quadrinhos, o Brasil

desempenhou um papel importante para seu estudo acadêmico. Em 1970 o professor Francisco Araújo deu início à disciplina Introdução às Histórias em Quadrinhos, no Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília. A disciplina foi ministrada até 1977 e inspirou outros professores. Na Escola de Comunicação e Artes da USP desenvolveu-se as primeiras pesquisas sobre quadrinhos, dirigidas pelo professor José Marques de Melo.

Em 1977, sob o comando da professora Sonia Luyten, surge a revista Quadreca, dedicada à pesquisa e divulgação dos quadrinhos. Mais recentemente, grupos de pesquisa são formados na Pós-Graduação, a exemplo do Observatório de Quadrinhos, comandado por Waldomiro Vergueiro, na ECA/USP, que lança a revista Nona Arte, e o Grupo de Pesquisa em Humor, Quadrinhos e Games, GP-HQG, do Mestrado em Comunicação da UFPB, que edita a revista Imaginário!.

Tomando um exemplo pessoal, em 1983 desenvolvi uma pesquisa de conclusão de Curso de Comunicação Social na Universidade Federal da Paraíba sobre a História em Quadrinhos no estado. Embalada pela produção de revistas alternativas de quadrinhos a partir da revista Balão, lançada por estudantes/cartunistas da USP, na Paraíba também florescia uma forte produção de revistas autorais desde meados dos anos 1970, com as revistas Maria, de minha autoria e Wêta, de Emir Ribeiro.



Livro que trata dos quadrinhos paraibanos.

Esse estado tem uma história curiosa com relação aos quadrinhos, tendo como pedra fundamental o lançamento da revista *As aventuras do Flama*, em 1963, por Deodato Borges. A revista do Flama foi criada para presentear os ouvintes do programa radiofônico homônimo, também dirigido por Deodato. Impressa em clichê, um processo extremamente dispendioso e defasado já para a imprensa da época, a obra de Deodato marcou toda uma geração de quadrinistas que surgiria nas décadas seguintes no estado, sendo até hoje cultuado.

O levantamento historiográfico dos 20 anos de produção dos quadrinhos da Paraíba foi o

objetivo da pesquisa, que afinal transformou-se em livro em 1983, *A incrível história dos quadrinhos*. Este é justamente o ponto que nos interessa nesse ensaio, não só o ineditismo dos quadrinhos como objeto de pesquisa acadêmica, mas seu processo de edição. Embora a UFPB e o governo do estado tivessem apoiado a produção de algumas edições tanto da revista *Maria* quanto de *Wêta*, não havia - e ainda não há - uma política editorial voltada ao tema.

Para a publicação desse primeiro título sobre quadrinhos paraibanos foi preciso reunir os recursos do autor e mais dois entusiastas, o colega de curso e quadrinista Marcos Nicolau e o professor de Jornalismo Alarico Correia Neto, cada qual com uma editora fictícia, as edições *Acácia*, a *Sancho Pança* e a *Marca de Fantasia*, do autor. Sim, a *Marca de Fantasia* já era um protótipo da editora que se formaria em 1995.

Esse amadorismo, pleno de empreendedorismo, pode ser um diagnóstico da produção bibliográfica nacional. Não há perspectivas mercadológicas fora do eixo cultural do Sudeste, com raras exceções. Para estados periféricos, resta o apoio eventual de algum órgão público ou o empenho do próprio autor. Talvez não se tenha ainda hoje instituições públicas, como as Universidades Federais e Estaduais, com uma política editorial clara, que prestigie e dissemine a riqueza da pesquisa que realiza.

Nas Universidades, as dificuldades para a publicação são de ordem econômica, mas também estrutural. O gigantismo de fomento do conhecimento em

que essas instituições se transformaram certamente não conseguiria fazer circular toda a sua produção, que por outro lado deveria ter formas de se tornar pública. Os entraves burocráticos e a falta de recursos, além da falta de visão dos administradores impedem que ao menos o mínimo do que se produz ganhe a forma impressa, com alguma inserção no mercado.

A pesquisa sobre História em Quadrinhos, embora já tenha um bom lastro nos cursos de Comunicação Social, e incidência nas Artes Visuais, Literatura, História, Biblioteconomia, Educação e Sociologia, esbarra nessa estrutura institucional. Por outro lado, ainda resta um filtro a valorar as pesquisas tecnológicas em detrimento dos estudos em Ciências Sociais.

A objetividade econômica do mercado leva-o a estar mais voltado ao retorno seguro proporcionado pelos best sellers internacionais que ao fomento da cultura nacional. Malgrado o interesse cada vez maior do meio acadêmico aos estudos sobre diversos aspectos da História em Quadrinhos, tanto em nível de Graduação quanto de Pós-Graduação, não há pelas editoras comerciais uma resposta satisfatória a essa produção, que lhe dê visibilidade por intermédio de lançamentos sistemáticos, que estimulem novas investigações.

Há lançamentos esporádicos, principalmente voltados à Educação. A leitura dos quadrinhos é hoje estimulada em sala de aula, o que representa uma extraordinária evolução. No âmbito do Programa Nacional Biblioteca Escolar - PNBE - o

Ministério da Educação promove a distribuição de álbuns e livros de quadrinhos para o fomento à leitura e recurso pedagógico. Para ensinar os professores a lidar com essa ferramenta, as editoras procuram lançar alguns títulos que auxiliem a sua implementação, aproveitando a demanda garantida pelo governo.

À parte esse direcionamento do mercado, a maioria dos livros teóricos é lançada no rastro do sucesso de alguns títulos internacionais ou por pequenas editoras, ligadas ou não às Universidades. Sem dúvida, esses lançamentos são importantes para a constituição básica dos estudos sobre quadrinhos no país. Nomes como Will Eisner e Scott McCloud são muito bem vindos, pela incontestável contribuição que deram à dita Arte Sequencial, mas estamos muito distantes de ver editado todo o potencial das pesquisas desenvolvidas na academia, que é um legítimo celeiro da reflexão e da produção de conhecimento.

Dever de casa

O espírito irrequieto e autônomo do fanzineiro fez escola na geração de 1980, que amadureceu e lançou-se em projetos mais estruturados. A experiência adquirida com a edição de fanzines possibilitou a idealização de alguns projetos editoriais que procuram ocupar o espaço negligenciado pelo mercado. A editora Nona Arte, comandada por André Diniz no Rio de Janeiro, por alguns anos, no início da década de 2000, foi promotora de uma boa leva de publicações em forma de revistas e álbuns.

Na Paraíba, em 1995, surge sob meu comando a editora Marca de Fantasia. Desde sua fundação a Marca de Fantasia constituiu-se como uma atividade do Grupo Artesanal - entidade sem fins lucrativos sediada em João Pessoa -, e como projeto de extensão do Departamento de Comunicação da UFPB. Em 2008 a editora migrou para o NAMID - Núcleo de Artes Midiáticas - do Programa de Pós-Graduação em Comunicação dessa Universidade, onde vem contribuindo com sua experiência editorial.

A Marca de Fantasia é dedicada à História em Quadrinhos, Artes, Comunicação, Linguística e Cultura Pop (expressões da Indústria Cultural, como as séries televisivas, a ficção científica, o rádio, a música popular etc.). A editora resultou da experiência com a edição de fanzines e a fundamentação de alguns estudos acadêmicos. Faz parte desse histórico a publicação entre as décadas de 1970 e 1990 de vários números da revista em quadrinhos Maria, dos fanzines Marca de Fantasia e Nhô-Quim, e a realização de Mestrado e Doutorado sobre o universo dos fanzines.

A editora conta com um conselho editorial formado por professores e pesquisadores de renome nacional na área, como Edgar Silveira Franco, do Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás; Edgard Guimarães, do Instituto Tecnológico de Aeronáutica, de São Paulo; Elydio dos Santos Neto, do Departamento de Práticas Pedagógicas, da UFPB; Marcos Nicolau, do Programa de Pós-

Graduação em Comunicação da UFPB; Paulo Ramos, do Departamento de Letras da UNIFESP; e Roberto Elísio dos Santos, do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade São Caetano do Sul, São Paulo. Esse conselho demonstra o caráter acadêmico da editora, que preza pela pesquisa e inovação artística.

O projeto editorial da Marca de Fantasia visa prestigiar os novos autores brasileiros, favorecendo os trabalhos experimentais, críticos e reflexivos, além de estabelecer o intercâmbio com a produção independente de outros países. Seu processo de produção é artesanal, com pequenas tiragens progressivas, mas com atenção à boa qualidade gráfica.

Desde sua criação, a Marca de Fantasia busca contemplar a edição de álbuns, livros e revistas, num trabalho conjunto com autores e leitores, que participam de forma entusiasta de seu projeto editorial. Por sua vez, esses três eixos de atuação dividem-se em várias séries, que abrangem uma vasta gama temática e cultural.

Os álbuns se caracterizam pelas obras densas, geralmente com lombada quadrada e capa cartonada, diferenciando-se do fascículo ou da revista. Apresentam histórias longas ou mesmo coletânea de histórias curtas ou tiras; pode trazer HQ de vários gêneros: ficção científica, poéticos, humorísticos e aventuras. Além dos títulos avulsos já lançados (os Fora de série), foi criada a série Biografix, coordenada conjuntamente com o quadrinista Wellington Srbek, para abrigar o resgate do trabalho dos mestres dos quadrinhos brasilei-

ros. A série Repertório, criada em 2009, apresenta trabalhos de autores contemporâneos.

Uma categoria particular de álbuns é a série Das tiras coração, editada em parceria com Edgard Guimarães, onde cada livro reúne um conjunto de tiras autorais. Nos jornais locais de várias cidades circulam tiras de autores praticamente desconhecidos no resto do país. Muitas dessas tiras não circulam nem nos fanzines, ficando restritas ao seu local de criação. Esta série visa dar visibilidade ao trabalho desses artistas e fazer o registro dessa produção.

O projeto também contempla a edição de livros com ensaios voltados à Cultura Pop e à História em Quadrinhos. Além dos títulos avulsos (Fora de série), esta linha editorial viria se consolidar com a série de livros de bolso Quiosque, alcançando grande interesse do público acadêmico.

Além da série Quiosque, temos a série Veredas, de ensaios com enfoque em Comunicação, Artes e Linguística. Esta série, em particular, atende à demanda dos estudos acadêmicos e promove o lançamento de trabalhos feitos em nível de Graduação e Pós-Graduação. Em 2011 foi lançada a série Periscópio, voltada exclusivamente à publicação de trabalhos produzidos no Mestrado em Comunicação e no Departamento de Mídias Digitais, ambos da UFPB.

Em 2012 nova série é lançada, numa proposição de Elydio dos Santos Neto. A série Quadrinhos poético-filosóficos traz estudos sobre esse gênero de quadrinhos, que tem se notabilizado pela experimentação gráfica e liberdade conceitual. A série

contempla não só as pesquisas desenvolvidas por Elydio, mas fomenta a reflexão de outros pesquisadores de quadrinhos.

Em 2009 a editora passou a publicar versões eletrônicas de seus livros - os chamados ebooks -, disponibilizando-os em seu sítio na internet gratuitamente ou com preços simbólicos. O objetivo é a experimentação de novas linguagens editoriais, bem como a difusão inrestrita de suas obras. Gradualmente os ebooks pretendem substituir as edições impressas, oferecendo novas possibilidades de acesso e leitura, além da exploração de outros campos de estudo em seu projeto editorial.

Na categoria "revista", lançou-se Tyli-Tyli, depois chamada Mandala, que marcou a cena das publicações independen-

Capa da revista a Mandala.



tes como a única revista voltada para os quadrinhos de conteúdo poético-filosófico. Com base na produção de Flávio Calazans, Edgar Franco e Gazy Andraus, o impacto da publicação gerou estudos acadêmicos e fomentou o surgimento de outros autores.

Com o desenvolvimento do projeto da editora, outras revistas foram criadas, como a Maria Magazine, voltado aos quadrinhos humorísticos, em particular as tiras; a revista Quiosque, trazendo um olhar crítico sobre as mídias; e a série Corisco, de revistas com histórias em quadrinhos curtas ligadas a um tema ou autor. A partir de 2009 a editora incorporou o título Artlectos e Pós-Humanos, de Edgar Franco, outrora publicado pela SM Editora, de José Salles. A revista deixa campo livre para as experimentações do universo particular da obra de Edgar.

Em "revista" incluímos o fanzine Top! Top!, que presta homenagem a Henfil ao utilizar como título a célebre onomatopeia popularizada pela personagem Fradim. De caráter jornalístico, o fanzine apresenta resenhas, textos analíticos, cartas dos leitores e entrevistas, além de quadrinhos de novos autores e o resgate do trabalho dos veteranos; o intercâmbio com produtores e publicações de outros países possibilita o conhecimento de novas expressões dos quadrinhos, a exemplo da obra de artistas portugueses, cubanos e argentinos, já publicados no fanzine.

Com o Mestrado em Comunicação da UFPB, a editora produz a revista acadêmica eletrônica Culturas Midiáticas,

órgão oficial da entidade, além de Conexões Midiáticas, revista eletrônica dirigida pelos mestrandos. Em outubro de 2011 passou a editar a revista Imaginário!, produzida pelo Grupo de Pesquisa em Humor, Quadrinhos e Games, do Núcleo de Artes Midiáticas do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB. A revista está voltada para a difusão das pesquisas desenvolvidas pelo grupo, mas aberta a colaborações de qualquer pesquisador da área.

Em 2011 a Marca de Fantasia estabeleceu uma parceria com o Labedisco - Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo -, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, com quem lançou a revista eletrônica O Corpo é Discurso. A revista é produzida pelo coordenador do Labedisco em Vitória da Conquista, BA, professor Nilton Milanez, e tem versão online disponível no site da editora, além das edições em arquivo pdf.

Há ainda a rubrica Camaradas, que segue um hábito antigo dos editores de fanzines: a troca de publicações. Esta prática foi retomada pela Marca de Fantasia com o propósito de estimular a difusão e venda da produção dos editores independentes. As publicações de outros autores são trocadas pelo correspondente em exemplares ou em valor dos títulos da Marca de Fantasia, sendo disponibilizadas para venda no sítio da editora. Isto transforma a Marca de Fantasia numa livraria virtual, concentrando parte das obras dos editores independentes num único sítio, facilitando seu acesso aos leitores.

A proposta da editora Marca de Fantasia contempla, portanto, as vertentes mais importantes dos quadrinhos independentes no Brasil, que vêm sendo menosprezadas pelas editoras comerciais: fanzine - ou revista de conteúdo jornalístico -, revista de quadrinhos poéticos, tiras, álbuns de quadrinhos e ensaios sobre quadrinhos, cultura pop, Comunicação, Linguística e Artes. A preocupação conceitual está na base do projeto editorial da Marca de Fantasia, que desenvolve um trabalho sem interesses comerciais, mas com o objetivo de divulgar e estimular a produção cultural no país.

Alguns caminhos para a edição

Essa via, digamos alternativa, talvez suscite algumas indagações. Fora da estrutura do mercado, qual a viabilidade e alcance de outros métodos de produção, a exemplo dos praticados pelas editoras independentes? Como fazer essa produção circular e chegar ao público a que se destina?

O primeiro ponto a se considerar é que, fora do eixo cultural do Sudeste, toda publicação pode ser considerada alternativa, ao menos no que toca seu modo de produção e veiculação. Dificilmente uma edição de outra região do país terá difusão e repercussão como as publicações do mercado, mesmo as produzidas pelas editoras universitárias, que contam com uma rede própria de distribuição. As publicações dos estados periféricos tomam o caráter de publicações caseiras, com baixas tiragens, visto que não almejam alcançar um grande público, limitadas pela disposição do autor em fazer circular sua obra.

De fato, não é que não existam editoras locais e, quiçá, regionais, as universitárias são uma demonstração disso, contudo seu modo de operação não visa o mercado formal, já que não têm como objetivo primordial o lucro. Essas editoras não têm seu capital oriundo das vendas, mas das verbas públicas, que de certo modo as descomprometem de seguir o rigor operacional do mercado para sobreviver às próprias custas.

Esse poderia ser o diferencial e uma das vantagens de estar fora do mercado, a liberdade editorial, o descompromisso com o lucro, mantendo apenas o retorno mínimo que garantisse certa autonomia institucional. Nem todo trabalho acadêmico é, em potencial, um produto mercadológico, malgrado sua importância como produção científica. Para esses trabalhos, as editoras universitárias podem ser a única possibilidade de veiculação, se houver uma política editorial que os prestigie.

A História em Quadrinhos talvez se enquadre nesse parâmetro, se considerarmos o interesse setorial de sua abordagem. É certo que os quadrinhos adquirem cada vez mais influência em vários domínios acadêmicos, particularmente em se tratando de Educação. Mas seu universo cognitivo está bem mais ligado à Comunicação Social, ao Jornalismo e às Artes Visuais, embora tenha interface com História, Letras, Biblioteconomia e Publicidade.

Se esse campo de interesse aparenta-se restritivo, há que se considerar o público acadêmico - professores e

estudantes universitários - ligado a esses cursos, em nível nacional, pouco considerado pelas editoras comerciais, mas com densidade suficiente para uma forte produção editorial que alimente com fundamentos novas pesquisas.

Outro elemento a destacar é o modelo de produção e veiculação do livro como produto cultural, que vem sofrendo transformação radical com os recursos da informática. Com a disseminação do computador e dos leitores digitais - tablets, notebooks, smartphones - o livro já prescindiu do suporte impresso, muitos sendo produzidos diretamente para o suporte digital. Outros, lançados originalmente como impresso se transformam facilmente em arquivo digital, produzido pela própria editora ou pelos leitores, de forma não autorizada.

Sem dúvida, esse dado muda muita coisa no processo editorial. Do mesmo modo como ocorreu com a música, que passou do suporte físico para o digital e gerou compartilhamentos incontrolláveis, com o livro pode se dar o mesmo processo, visto que a comunicação e troca de informações são próprias do meio digital. Talvez a falta de controle seja o motivo para certo conservadorismo do mercado com relação ao livro digital, embora algumas editoras já disponham de um bom acervo deles disponível em seu catálogo.

A informática trouxe autonomia ao autor, que não precisa mais de uma editora para lançar seu livro. Com a internet é possível difundir sua produção e chegar ao leitor desejado, sem limites territoriais ou econômicos. A livraria física não é mais o único

local de circulação do livro, sendo que mesmo as editoras já estão a criar suas próprias livrarias virtuais. A Amazon é o exemplo máximo dessa nova estratégia de comercialização de livros e outros produtos culturais. Sem necessitar de espaço físico, disponibiliza à venda o maior acervo do mundo em livros impressos e virtuais, atingindo um público inimaginável para qualquer editora ou rede de livrarias tradicionais.

Além das vantagens desse processo de produção e veiculação, conta-se também com o custo irrisório para a edição do livro digital, que elimina várias etapas para concretizar-se e chegar ao leitor. O orçamento, que antes era um impedimento concreto para a edição de livros por instituições públicas, como as Universidades, com o processo digital é possível tomar pública toda sua produção.

É isso o que vem realizando o Programa de Pós-Graduação em Comunicação por intermédio do projeto "Para ler o digital", coordenado pelo professor Marcos Nicolau com a participação dos alunos do Curso de Comunicação em Mídias Digitais. O projeto está associado à editora Marca de Fantasia, também do Mestrado em Comunicação, que criou a série Periscópio especialmente voltada à produção acadêmica do Programa. Pela série já foram lançados 29 títulos em dois anos, que cumpre o papel de difusão e democratização do conhecimento. Como resposta ao financiamento público das pesquisas, os livros são veiculados gratuitamente, com incentivo ao seu compartilhamento.

A série Periscópio conta com alguns títulos dirigidos à

História em Quadrinhos, mas o forte da produção sobre o tema encontra-se na série Quiosque, que já dispõe de 28 títulos. A série Quiosque vem se consolidando pela oferta de uma gama de temáticas ligadas aos quadrinhos, que vão de estudos sobre a própria linguagem da arte, a sua inserção na arquitetura, no jornalismo, na ficção científica, no cinema, no fanzine e demais edições independentes. São textos quase sempre oriundos da academia em forma de ensaios, monografias, capítulos de dissertações e teses, quando não obras completas, possibilitadas pelas facilidades da produção digital.

Se a Marca de Fantasia vem se tomando o celeiro da mais atual produção artística e acadêmica é porque há um intenso processo colaborativo, imprescindível ao seu projeto editorial. A editora não visa o lucro, pratica preço de custo para as edições impressas e preço simbólico para as digitais, tem como método produtivo as pequenas tiragens e confecção artesanal. Atende ao público interessado em criações artísticas que não são contempladas pelo mercado, bem como ao acadêmico, que busca em seu catálogo a fonte para suas investigações.

É certo que a Marca de Fantasia não garante meio de vida aos autores que publica, mas de forma tácita, acordada entre editor e autores, não é esse mesmo o objetivo. A editora serve como banco de ensaio de novas propostas artísticas e resistência aos condicionamentos do mercado. Gradualmente foi se firmando e mesmo criando um

nicho editorial que favorece o desenvolvimento da História em Quadrinhos.

As grandes editoras continuarão investindo em sua proposta comercial, que pelo imediatismo do lucro certo não se interessam por pequenas tiragens para públicos dirigidos. Antes que sirva de desestímulo aos novos autores e à produção acadêmica, essa condição deve ser vista como um desafio à criação de inúmeras pequenas editoras artesanais, à proliferação de incontáveis editoras virtuais. Certamente este será o caminho para a democratização da comunicação, que já se apoderou dos blogs e redes sociais.

Referências

- CAGNIN. Antonio Luiz. Os Quadrinhos. Série Ensaios, 10. São Paulo: Ática, 1975.
- CIRNE. Moacy. A explosão criativa dos quadrinhos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.
- CIRNE, Moacy. A linguagem dos quadrinhos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.
- CIRNE. Moacy. Uma introdução política aos quadrinhos. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.
- CIRNE. Moacy. História e crítica dos quadrinhos brasileiros. Rio de Janeiro: Europa/Funarte, 1990.
- CIRNE. Moacy. Quadrinhos, sedução e paixão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- CIRNE. Moacy. A escrita dos quadrinhos. Natal: Sebo Vermelho, 2005.
- DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armand. Para ler o Pato Donald. São Paulo: Paz e Terra, 1971.

GONÇALO JÚNIOR. Biblioteca dos Quadrinhos. São Paulo: Opera Graphica, 2006.

HISTÓRIA EM QUADRINHOS E SEUS MALEFÍCIOS. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1965.

MAGALHÃES, Henrique. A incrível história dos quadrinhos. João Pessoa: Sancho Pança, 1983.

MOYA, Álvaro de. Shazam! 3ª edição. Coleção Debates, 26. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

MOYA, Álvaro de. História da História em Quadrinhos. Porto Alegre: L&PM, 1986.

RONTANI, Edson. Ficção. Piracicaba, SP: 1965.